



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### Questões de Gênero: Relações sociais dxs Transexuais e barreiras enfrentadas no Ambiente Escolar

Autor (Marília Louzeiro de Aguiar); Coautora (Maísa Zelinski de Freitas); Coautora (Eliane Sá de Oliveira)

*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Marilia\_cev@hotmail.com*

**Resumo:** Objetiva-se apresentar algumas análises empíricas, desenvolvidas durante observações no ambiente de uma escola de ensino médio no Município de Naviraí- MS, sobre a realidade social de transexuais em contexto escolar. Para tal tomamos como base teórica algumas reflexões de autores que tem pensado a relação entre Educação, Relações de Gênero e Sexualidades (JUNQUEIRA, 2007; BORRILLO, 2010, LOURO, 2003). Algumas indagações nortearam nossas reflexões: Afinal a escola tem se constituído como um espaço aberto para pensar as diferenças e diversidades? Ou se mostra resistente às novas identidades? Observamos que, por vezes, a permanência destes/as transexuais no espaço da escola é perpassada diferentes situações de violência simbólica. A partir de observações realizadas em sala de aula, observou-se a atual conjuntura de um ensino pautado em noções de naturalidades de gênero e sexualidade. Se o espaço escolar deve ser utilizado para a desconstrução de valores formados por conceitos morais, religiosos e de sexualidade, observou-se, contraditoriamente, a presença de um discurso opressor de Gênero. Assim, verificou-se que a escola, enquanto espaço de socialização, por vezes se constitui como um local de preconceito e discriminação fazendo com que jovens de identidade trans sejam estigmatizados/as. Os dados foram obtidos por meio de observações das aulas de Sociologia e Filosofia, na qual foi possível constatar que os/as alunos/as Trans ali inseridos/as, são alvos de um sistema social patriarcal, machista, sexista e homo/transfóbica, com valores pré-definidos, e que muitas vezes não têm suas subjetividades respeitadas, atendidas e ouvidas, sofrendo vários tipos de violência. Deste modo, por meio da análise dos discursos do corpo docente da escola bem como dos alunos/as envolvidos/as, quisemos refletir sobre as lógicas que operam no sentido de invisibilizar e, também, estigmatizar minorias sexuais. Se recorrentemente a trajetória pessoal de transexuais é marcada por preconceitos e discriminações, nossos dados de campo apontaram que em muitas situações o espaço da escola, criado para ser um ambiente de pensamento crítico-reflexivo, também tem se constituído como um lugar privilegiado de manutenção de hierarquias e subalternidades. Nesse cenário, a diversidade sexual continua sendo rechaçada do ambiente escolar em que o modelo heteronormativo se impõe como o único possível e legítimo.

**Palavras-Chave:** Discurso opressor, Violência Simbólica e de gênero, Transexuais, Ambiente escolar.



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## Introdução

A partir de observações realizadas em sala de aula em uma escola do Ensino Médio do Município de Naviraí/MS, levantaram-se diversas indagações por parte do estagiário, sobre a realidade que uma pessoa transexual vive diante de um contexto social e cultural heteronormativo que impõe um padrão a ser seguido, causando certos estranhamentos por parte de quem está inserido nesse sistema, bem como dos/as que não conseguem subverter a padronização.

Com isso será possível entender melhor quais são os valores, os princípios socialmente construído nesse espaço, que deveria ser o de inclusão e respeito à diversidade que se vive nos dias atuais, e isso denota que estes lugares estão parados no tempo e não estão conseguindo se atualizar diante dos avanços da construção de suas subjetividades, em busca de sua identidade de gênero, neste contexto social e cultura, que por muitas vezes não são respeitadas ou ouvidas, enfrentando possíveis barreiras, tais como: Preconceito? Discriminação? Violência Física e simbólica? Como os/as educadores/as lidam com tais situações? Se houverem tais situações, será que o Ensino e aprendizagem deste/as aluno/a estará prejudicado? Se o tratamento nesse espaço é igualitário? A questão do nome social, se essa Instituição está amparada pela nova resolução de nº 12<sup>1</sup>, na qual diz sobre o acesso e a permanência das pessoas Transexuais nesse espaço escolar. Será que o uso do banheiro causa constrangimento para quem se declara como um/a transexual ou travesti? Como isso é visto pelos/as profissionais que integram este ambiente, bem como os/as alunos/as que convivem diretamente com tal realidade?

Para os jovens, a escola se mostra distante dos seus interesses, reduzida a um cotidiano enfadonho, com professores que pouco acrescenta à sua formação, tornando-se cada vez mais uma “obrigação” necessária, tendo em vista a necessidade dos diplomas. Parece que assistimos a uma crise da escola na sua relação com a juventude, com professores e jovens se perguntando a que ela se propõe (DAYRREL,2007).

---

<sup>1</sup> RESOLUÇÃO Nº 12, DE 16 DE JANEIRO DE 2015: Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Disponível em: <[https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87749317/dou-secao-1-12-03-2015-pg-3?hc\\_location=ufi](https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87749317/dou-secao-1-12-03-2015-pg-3?hc_location=ufi)>. Acesso em: 13 Abril 2014.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Deste modo, será analisado a relação existente tanto na visão de quem está transmitindo o conhecimento (e se esse conhecimento é opressor?), bem como de quem está recebendo estas informações (violência? Preconceito? Se sabem ou percebem elas?). E quais as implicações que este processo de um possível discurso opressor possa estar se baseando, será utilizado a apropriação da linguagem de gênero, bem como a utilização de teóricos/as que pensam sobre essa temática, tais como ( LOURO,2003, BOURDIEU, 1989, GEERTZ, LOURO, FOUCAULT, BOURDIEU, PINO, HALL, SCOT, BUTLER, LARAIA, PRECIATO ,JUNQUEIRA, 2007; BORRILLO, 2010, LOURO, 2003).

### **Justificativa**

Pretende-se estudar as relações das pessoas transexuais no espaço escolar do Ensino Médio em Naviraí, com intuito de demonstrar um possível avanço ou retrocesso, nas perspectivas de atender aos objetivos que esta Instituição educacional se propõe ao Ensino-aprendizagem, e na qual ainda não se têm estudos voltados para essas novas configurações sociais e de gênero. Que através de varias indagações levantadas, tais como: Preconceito? Discriminação? Violência Física e simbólica? Como os/as educadores/as lidam com tais situações? Se houverem tais situações, será que o Ensino e aprendizagem deste/as aluno/a estará prejudicado? Se o tratamento nesse espaço é igualitário? A questão do nome social, se essa Instituição está amparada pela nova resolução de nº 12<sup>2</sup>, na qual diz sobre o acesso e a permanência das pessoas Transexuais nesse espaço escolar. Será que o uso do banheiro causa constrangimento para quem se declara como um/a transexual ou travesti? Como isso é visto pelos/as profissionais que integram este ambiente, bem como os/as alunos/as que convivem diretamente com tal realidade? Se existem mesmo essas barreiras e de que forma podem ser solucionadas.

### **Objetivos**

- Porque é importante pesquisar a relação das pessoas Transexuais no ambiente escolar?

---

<sup>2</sup> RESOLUÇÃO Nº 12, DE 16 DE JANEIRO DE 2015: Estabelece parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais - e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais - nos sistemas e instituições de ensino, formulando orientações quanto ao reconhecimento institucional da identidade de gênero e sua operacionalização. Disponível em: <[https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87749317/dou-secao-1-12-03-2015-pg-3?hc\\_location=ufi](https://www.jusbrasil.com.br/diarios/87749317/dou-secao-1-12-03-2015-pg-3?hc_location=ufi)>. Acesso em: 13 Abril 2014.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Estudar algo pioneiro, que ainda não se foi pesquisado no Município de Naviraí/MS?
- Verificar quais são as barreiras enfrentadas e se elas dificultam a sua permanência nesse ambiente escolar?
- Analisar quais as principais dificuldades enfrentadas no Ensino Médio;
- Como se dá o processo de Ensino-aprendizagem (à diferença ou não), conseguem assimilar o conhecimento apresentado?

### Metodologia, Resultado e Discussão

A partir de observações realizadas em sala de aula, na qual revelou a atual realidade vivenciada no ensino médio, com a coleta de dados fornecidos neste espaço escolar, foi possível constatar que os/as alunos/as que estão ali inseridos, vivem uma (re) construção deste sistema social heteronormativo patriarcal, com valores que por vezes são agregados, que por muitas vezes não tem suas subjetividades respeitadas ou ouvidas, sofrendo vários tipos de violência, inclusive à simbólica e de gênero, tentando compreender como se é construído a identidade social e cultural.

Diante destas informações, será desenvolvida uma pesquisa qualitativa, com questionários e entrevistas, com planejamento na elaboração e confecção das perguntas que serão feitas, para os/as agentes sociais desta Instituição, compreendendo suas problemáticas e com exigências que não atende mais, perpetuando o retrocesso que vem sendo construindo, na qual” parou no tempo”, e preservando características disciplinadoras, estigmatizadas por vários pré-conceitos que necessitam serem (re) pensados, em um contexto com uma gana de diversidade cultural e social, esta pesquisa ainda está em andamento. De acordo com RICHARDSON:

“ [...] os problemas que suscitam análise qualitativa exigem do pesquisador trato especial na condução das observações e habilidades quanto ao uso ou criação das categorias, pois, mesmo que se obtenha





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

um conjunto de observações bastante amplo e não se tomem como referencial certas categorias, é quase certo que sejam encontradas dificuldades quando da análise ordenada das informações. É, nesse aspecto, alguns pesquisadores inexperientes ou outros profissionais chegam a levantar informações detalhadas e extensas sobre um problema, porém não sabem delas fazer uso apropriado nas fases de análises (RICHARDSON, 1999.p.83)''.

Através de uma análise por um viés empírico, será possível em um segundo momento, o trato das informações, com algumas impressões sobre essas relações da diversidade social na contemporaneidade, entendendo seus símbolos e sua cultura identitária.

### **Conclusões**

Esta pesquisa está em andamento, coletando dados para fazer a tabulação das informações adquiridas pelos agentes sociais dessa construção. Com isso, pretende-se contribuir para a formação do ensino e aprendizado, de forma a assimilarem e compreenderem as diversidades de gênero e as (Trans) sexualidades, conscientizando todo o colegiado, para que possamos construir de forma plural e democrática, as categorias existentes socialmente e culturalmente construídas.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### Referências Bibliográficas:

- ABRAMOVY, M.; RUA, M.G. **Violência nas Escolas**. Ed. UNESCO, Rede Pitágoras, 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro. Ed. Zahar, 2000.
- BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro. Ed. Bertrand, 1989.
- BUTLER, J. P. **A Desconstrução do Gênero**. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira, 2003. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2005000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 13 Jun. 2014.
- CHARLOT, B. ÈMIN, J. A. (Coord.). **Violences à l'école: états des savoirs**. Paris: Mason 7 Armand Colin, 1997. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/108\\_53.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/108_53.pdf)>. Acesso em: 13 Jun. 2014. Escola e cultura juvenis. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. Políticas públicas – **juventude em pauta**. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação; Fundação Friedrich Ebert, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade deteriorada**. Rio de Janeiro. Zahar, 1994.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11. Ed
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva pós-estruturalista**. 6.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. **A construção da identidade do profissional da educação: uma questão de gênero?**. Educação Cidadã, Caxias do Sul, v. 03, n. Ano III, p. 12-18, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade**. 3a.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. v. 01. 174 p.
- PRECIADO, Beatriz. Entrevista a Jesús Carrilo, 18 de outubro de 2004, Disponível em: <http://www.arteleku.net/4.0/pdfs/preciado.pdf>>. Acesso em: 13 Jun. 2014.
- RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SCOTT, Joan W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1990.
- \_\_\_\_\_. **A Invisibilidade da Experiência**. *Projeto História* 16, São Paulo, 1998.